

CORPUS LITERÁRIO DE IFÁ: LEITURAS E PERSPECTIVAS

Rodrigo Ribeiro Frias.

**Mestre em Teoria Literária. Membro do Grupo de Estudos sobre
Tradição da Herança Africana (ETHA) da Universidade de São
Paulo (USP). E-mail: rodrigofrias@bol.com.br.**

RESUMO

As reflexões contidas neste artigo partiram de *itans*, narrativas míticas integrantes do *Corpus* Literário de Ifá, a mais importante manifestação da oralidade tradicional iorubá, para discutir a importância do registro e do estudo deste material. Recomenda-se que sejam investigados com base em estudos de mitologia de Eliade e Meletínski; estudos de tradição oral de Bâ, Vansina, Ki-Zerbo e Idowu; estudos de antropologia de Salami e Ribeiro; e em outras pesquisas. A escolha da temática contou com a importância da etnia iorubá na constituição do povo brasileiro e de sua cultura, além do fato de que religiões tradicionais africanas, ao lado de religiões afro-brasileiras como candomblé e umbanda, têm despertado cada vez mais o interesse de pesquisadores e de interessados em geral.

Palavras-chave: *Corpus* Literário de Ifá; iorubás; tradição oral; mitologia; africanidades.

CORPUS LITERÁRIO DE IFÁ: LEITURAS E PERSPECTIVAS

Rodrigo Ribeiro Frias

O papel do negro na cultura do Brasil é tão expressivo quanto a sua participação genética, histórica e econômica na constituição do país, ainda que ele partilhe, naquele campo também, de uma exclusão ora proposital e ora velada das conquistas sociais em cuja construção teve um papel de destaque. Sua contribuição às artes e às religiões, além disso, passa freqüentemente por rótulos tão equivocados e injustos quanto empobrecedores, como os de *primitiva* e *selvagem*. Mas, contra todas as tentativas de genocídio também em campos como o religioso, o artístico e o político, as religiões, as artes e as vertentes ideológicas negras sobrevivem entre o povo brasileiro, tendo se enraizado profundamente em sua própria alma.

Uma das vias de investigações mais férteis nas pesquisas sobre a arte negra no Brasil é a literária, extraordinariamente rica em temas, formas, origens e influências; manifesta-se na literatura escrita, mas também em letras de samba, hinos e preces de candomblé e umbanda e lendas orais de tradição africana e afro-brasileira. A literatura oral é uma de suas manifestações mais expressivas e pode-se destacar, em seu interior, a tradição associada aos terreiros de candomblé, umbanda e religiões tradicionais africanas. Investigar a tradição literária africana em suas manifestações religiosas significa reconstruir simbolicamente uma origem espiritual comum a muitos brasileiros. Mais que isso: significa compreender o contexto de origem de boa parte da espiritualidade e dos valores terrenos africanos que ajudaram a construir o Brasil como nação. É de particular interesse o levantamento e a análise de narrativas míticas da tradição iorubá: como o embate entre tradição e modernidade pode induzir ao esquecimento da literatura oral, no caso presente os *itans* do *Corpus* Literário de Ifá, torna-se necessário registrá-los, mesmo porque este já foi reconhecido pela UNESCO como patrimônio cultural da humanidade.

O povo iorubá – atualmente trinta milhões de habitantes residindo na Nigéria, na Guiné e no Benin – foi um dos mais vitimados pela escravidão brasileira, sobretudo no

século XVIII; apenas esta razão justificaria o resgate de suas tradições culturais. Existe outro argumento fundamental para corroborar nossa proposta: a religião tradicional dos Orixás teve participação vital na constituição de religiões afro-brasileiras como o candomblé e a umbanda. Como se não bastasse, tem adquirido cada vez mais espaço no âmbito nacional: muitos de seus devotos orgulham-se do retorno às origens e diversos antropólogos e cientistas sociais têm se debruçado sobre ela para desenvolver importantes pesquisas. Investigar narrativas míticas iorubás visa registrar elementos fundamentais de uma das etnias fundadoras do povo brasileiro, o que tem papel direto na própria compreensão desse povo em termos culturais e religiosos e em termos de valores de conduta aplicados cotidianamente nas mais diversas esferas da existência social. Espera-se também contribuir para com as recomendações da LDB de 1996, dos PCNs de 1998 e do Parecer 003/2004, que recomendam a formação de professores e a elaboração de materiais didáticos relacionados a Africanidades e a Herança Africana no Brasil: debater questões como as aqui propostas significa cumprir as leis.

O *Corpus Literário de Ifá* é um conjunto de conhecimentos mantidos e transmitidos oralmente pelos babalaôs, sacerdotes do Orixá Orunmilá – também denominado Ifá – que, para os iorubás, é o representante da sabedoria e depositário de todo o conhecimento da humanidade e dos Orixás. Ele é também a fonte de alguns dos mais importantes sistemas divinatórios daquele povo e favorece vínculos entre o humano e o sagrado, além de orientar sobre as principais regras de inserção de cada indivíduo em seu grupo. É constituído por 256 conjuntos, considerados divindades, de narrativas poéticas: 16 *odu* principais, os *Oju Odu*, e outros 240 *odu* menores, os *Omo Odu* ou *Amulu Odu*. Os 240 *odu* menores são obtidos a partir das combinações entre os 16 maiores; agrupam-se em 12 seções, as *apola*, que têm nomes análogos aos dos *odu* principais. Cada um dos 256 *odu* tem numerosos capítulos, chamados *ese*: enquanto os *odu* são importantes no aspecto divinatório, os *ese*, em forma poética e metafórica, guardam conhecimentos de todas as áreas e também os registros das normas de conduta social. Variando de tamanho, com entre três e seiscentas linhas, os *odu* são compostos por narrativas de acontecimentos míticos e históricos, denominadas *itan*. Crenças, valores e virtudes que determinam normas de conduta social encontram nos *itan* manifestações do imaginário grupal; sua narração apresenta modelos arquetípicos de conduta.

Investigar narrativas iorubás exige o acesso a fontes orais: seu registro já foi, e tem sido, realizado na Nigéria por pesquisadores como Abimbola (1975), Idowu (1977), Salami (1990; 1991; 1998; 1999) e Ribeiro (1996). É preciso também compreender o seu universo de origem, o que pode ser favorecido pelas obras desses e de outros estudiosos, como Hampate Bâ (1982), Ki-Zerbo (1982) e Vansina (1982). A perspectiva de autores de origem africana é fundamental para compreender a literatura oral de povos africanos.

Como o objeto de investigação foi um conjunto de narrativas míticas é fundamental resgatar teorias do mito elaboradas por grandes autores, como Eliade (2002) e Meletínski (2002). Entre os brasileiros, Morais (1988) organizou uma pequena, mas útil, antologia de ensaios sobre os mitos. Vale lembrar perspectivas como a de Ford (1999), que procurou respeitar o contexto de origem das narrativas míticas com as quais trabalha. Mas é indispensável considerar também alguns teóricos cujo enfoque reside, especificamente, na produção cultural africana, ou mais propriamente na literatura oral iorubá. Alguns estudiosos têm preocupações semelhantes e serão mencionados sempre que se julgar necessário.

Nossa reflexão considerou a perspectiva literária, já que a mitologia faz parte da Literatura. Pode-se compreendê-la melhor com o auxílio de teóricos como Aristóteles (1990), fundamentado, precisamente, na tradição oral mais fina de seu contexto sócio-cultural. Teóricos recentes, igualmente fundamentais, como Auerbach (1970; 1997) e Paz (1967; 1984; 1996), contribuíram também às discussões milenares sobre a literatura e suas modalidades e são referências para a caracterização de importantes conceitos e associam a palavra poética – e artística, num sentido mais amplo – à palavra sagrada, o que vai ao encontro da perspectiva iorubá sobre a recitação. É preciso verificar em que medida termos literários e outros elementos teóricos e metodológicos ocidentais têm respaldo na experiência cultural iorubá.

Considerou-se oportuno resgatar autores importantes para fundamentar o emprego de conhecimentos em Antropologia Geral e do Brasil. Desse modo, ao lado dos já mencionados Abimbola, Salami, Ribeiro, Bâ e Vansina, lidamos com investigadores como Loyola (1984), Ortiz (1991) e Barros (1993) para conceituar de um modo preciso as distinções entre candomblé, umbanda e religião tradicional iorubá, cujas nuances nem sempre são precisas. Pode-se verificar as possíveis influências desta última sobre as demais expressões de religiosidade, ou encontrar em autores como os aqui mencionados

importantes guias para a evolução teórica e metodológica da pesquisa. A perspectiva antropológica foi útil também para a caracterização do povo brasileiro em termos socioeconômicos, históricos e ideológicos, entre outros, fatores decisivos para a compreensão da religiosidade negro-africana no país: por tais razões é sempre importante considerar a perspectiva de autores como Rosenfeld (1993) e D. Ribeiro (1995).

O presente artigo buscou registrar o andamento de nossa pesquisa sobre a tradição oral iorubá, justificando os principais motivos de sua realização e apresentando os principais caminhos encontrados até o presente. Trata-se de uma visão condensada e panorâmica de um trabalho que vem sendo realizado há muitos anos, e que ainda mostra muitos horizontes a alcançar. Esperamos ter oferecido noções básicas sobre o andamento de nossas descobertas; esperamos, também, sensibilizar outros pesquisadores quanto à importância de investigar temáticas como a escolhida por nós em nome da preservação da cultura e da luta pela democratização dela e de quem a produz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABIMBOLA, W. (org.). **Yoruba Oral Tradition: poetry in music, dance and drama.** Ile-Ife: Department of African Languages and Literatures, University of Ife, 1975.
- ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. **A Poética clássica.** Tradução (do grego e do latim) de Jaime Bruna. 4^a ed. São Paulo: Cultrix, 1990.
- AUERBACH, E. **Introdução aos Estudos Literários.** Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970.
- AUERBACH, E. **Figura.** Tradução de Duda Machado. São Paulo: Ática, 1997. Série “Temas”.
- BÂ. A. HAMPATE *et al.* **História Geral da África.** São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 1982.
- BARROS, J. F. P de. **O segredo das folhas: sistema de classificação de vegetais no candomblé jeje-nagô do Brasil.** Rio de Janeiro: Pallas/UERJ, 1993. Série “Raízes” n 4.
- BARROS, J. F. P de; MELLO, M. A. da S.; V, A. **A galinha d’angola: iniciação e identidade na cultura afro-brasileira.** Rio de Janeiro: Pallas/FLASCO; Niterói: EDUFF, 1993. Série “Raízes” n. 3.
- BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia.** São Paulo: Cultrix / EDUSP, 1993.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.
- CIRLOT, J. E. **Dicionário de símbolos.** Tradução de Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Moraes, 1984.
- CUNHA, M. C. da. **Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade.** 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- ELIADE, M. **Mito e realidade.** Tradução de Pola Civelli. 6^a ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. Coleção “Debates”.

- FORD, C. W. **O herói com rosto africano: mitos da África.** Tradução de Carlos Mendes Rosa. São Paulo: Summus, 1999.
- FRYE, N. **Anatomia da crítica.** Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1973.
- HAUSER, A. **História social da arte e da literatura.** Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- HEGEL, G. W. F. **Curso de Estética: o sistema das artes.** Tradução de Álvaro Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- KAYSER, W. **Análise e interpretação da obra literária.** Introdução à ciência da literatura. 7ª ed. Tradução de Paulo Quintela. Coimbra: Armênio Amado Editora, 1985. Coleção “*Studium*”.
- LOYOLA, M. A. **Médicos e curandeiros: conflito social e saúde.** São Paulo: DIFEL, 1984.
- MELETÍNSKI, E. M. **Os arquétipos literários.** Tradução de Aurora Fornori Bernardini, Arlete Cavaliere e Homero Freitas de Andrade. 2ª. Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- MORAIS, R. de (org.). **As razões do mito.** Campinas: Papyrus, 1988.
- MUNANGA, K (org.). **Estratégias e Políticas de Combate à Discriminação Racial.** São Paulo: EDUSP, 1996.
- NOGUEIRA, C. R. Filho. **O diabo no imaginário cristão.** São Paulo: Ática, 1986.
- ORTIZ, R. **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira.** 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- PAZ, O. **El arco y la lira.** 2ª. Ed. Corregida y aumentada. México: Fondo de Cultura Economica, 1967.
- PAZ, O. **Los hijos del limo.** Barcelona: Seix Barral, 1974. / Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- PAZ, O. **Signos em rotação.** 3ª. ed. Organização de Celso Lafer e Haroldo de Campos. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1996. Coleção “Debates”.

- RIBEIRO, D. **O Brasil como problema**. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- RIBEIRO, R. I. **Alma africana no Brasil**. Os iorubás. São Paulo: Oduduwa, 1996.
- RIBEIRO, R. I. “Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e a organização de negros no Brasil”. In: **IV Encuentro Internacional de Estudios Sociorreligiosos**. La Habana, CIPS, 2004.
- ROSENFELD, A. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva/EDUSP; Campinas: EDUNICAMP, 1993. Série “Debates” v. 258.
- SALAMI, S. **A Mitologia dos Orixás Africanos**. Coletânea de Àdùrà (Rezas), Ibá (Saudações), Oríkì (Evocações) e Orin (Cantigas) usados nos cultos aos orixás na África (Em iorubá com tradução para o português). Vol. I - Sàngó/ Xangô; Oya/Iansã; Òsun/Oxum e Obà/Obá. São Paulo: Odùdúwà, 1990.
- SALAMI, S. **Cânticos dos Orixás na África** (Em iorubá com tradução para o português). São Paulo, Ed. Odùdúwà, 1991.
- SALAMI, S. **Ogum**. Cânticos de dor e júbilo nos rituais de morte (Em iorubá com tradução para o português). São Paulo, Ed. Odùdúwà, 1998.
- SALAMI, S. **Poemas de Ifá e valores de conduta social entre os Yoruba da Nigéria (África do Oeste)**. São Paulo: 1999. Tese (Doutorado), 367 p. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Sociologia. Orientador: Fábio Rubens da Rocha Leite.
- SALAMI, S. “Matriz iorubá de práticas divinatórias nos países da diáspora africana”. In PINTO, E. A. & ALMEIDA, I. A. (org.) **Religiões Tolerância e Igualdade no Espaço da Diversidade (Exclusão e inclusão social, étnica e de gênero)**. São Paulo: Fala Preta! Organização de Mulheres Negras, 2004.
- SCARANO, J. **Devoção e Escravidão**. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no Século XVIII. São Paulo: Nacional, 1978.
- SCHOPENHAUER, A. **Dores do mundo**. Tradução de Albino Forjaz de Sampaio. Rio de Janeiro: Ediouro, s./d.
- SCHOPENHAUER, A. **Sobre o fundamento da moral**. Tradução de Maria Lúcia Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 1995. Coleção “Clássicos”.

- SCHILLER, F. **Poesia ingênua e sentimental**. Tradução, apresentação e notas de Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- SKIDMORE, T. **O Brasil visto de fora**. Tradução de Susan Semler. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- SOUZA, O. **Fantasia de Brasil**: as identificações na busca da identidade nacional. São Paulo: Editora Escuta, 1994. Série “Sexto Lobo”.
- SPINA, S. **Introdução à poética clássica**. São Paulo: FTD, 1967.
- SPITZER, L. **Linguística e história literária**. Madri: Gredos, s./d.
- STAIGER, E. **Conceitos fundamentais da poética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.